

Algumas Reflexões a Propósito da Neurose de Transferência em Grupanálise

Dr. César Vieira Dinis

Um dos problemas que poderá tornar ambígua a comunicação entre profissionais de uma mesma área será a inexistência de uniformidade rigorosa no que respeite à terminologia técnica utilizada e de modo semelhante muitas das divergências entre estudiosos de uma qualquer disciplina poderão derivar da falta de consenso referente ao que se queira exactamente dizer quando se empregue um termo técnico ou se evoque um conceito básico.

Os estudiosos e investigadores da teoria psicanalítica e os profissionais que a utilizam como referência e abstracto teórico na prática e labor terapêuticos não escapam a este escolho, muito antes pelo contrário. A questão dilata-se em dificuldades crescentes por que a partir do monumento de Freud a psicanálise não mais cessou de crescer, de se embrenhar por inúmeras vias promissoras com relevância para os investigadores da relação de objecto, ao ponto de através da pujança da floresta se rezear poder ser, às vezes, difícil enxergar a hierática árvore original.

Todos os que fazem da teoria psicanalítica o seu instrumento de trabalho naturalmente que a tomam como referência, mas muito frequentemente ao descrever o que fazem ou ao justificar o porque e como fazem, fundamentam-se em modelos vários de compreensão e funcionamento, o que poderá tornar a clareza do discurso um desiderato negligenciado. A riqueza ubérrima da teoria volver-se-á em fonte de confusão e em disrupções e hiatos da comunicação, se não nos conformarmos com a exigência de expurgar os modelos conceptuais em que nos estribamos de contradições fundamentais entre si, integrando as parcelas num todo coerente e convergindo numa finalidade linearmente coincidente.

Posta esta reflexão introdutória, digo que terei a preocupação de ao usar a nomenclatura psicanalítica que ela se conforme, na medida do possível, ao codificado no «Vocabulário de Psicanálise» de Laplanche e Pontalis e que ao discorrer sobre fenómenos ou ao utilizar conceitos, procurarei deixar claro qual a referência teórica ou, pelo menos, o autor a que me reporto tanto na área psicanalítica «*stricto sensu*» como na especificidade grupanalítica, teoria da técnica incluída.

Se significarmos por transferência o reviver e a reactualização de pulsões, afectos e emoções, eventualmente conflituais, sentidos outrora na interacção com figuras relevantes em termos relacionais, aceitar-se-á que a relação analista-paciente ofereça um contexto privilegiado para o emergir de fenómenos transferenciais, não só pela singularidade do contracto terapêutico e pela manutenção rigorosa das coordenadas que irão balizar o processo, como porque alguém esperar de outrem o propiciar-lhe condições que contemplem instantes necessidades psicológicas, coloca, logo à partida, esse alguém numa posição emocionalmente infantil face à entidade cuidadora.

Daqui decorre uma relação específica, e acredito que única na sua originalidade, em que a reactualização mantida e prolongada dos fenómenos transferenciais num quadro claramente definido «ab initio» e que se vai manter preservado de vicissitudes aleatórias, conduzirá à reactualização dos movimentos relacionais infantis, à clarificação do significado atribuído aos objectos originais e à revelação dos mecanismos de defesa utilizados pelo sujeito para lidar com um ambiente que, no que respeitou às necessidades pulsionais e de harmonia do desenvolvimento, se lhe apresentou no passado, em grau maior ou menor, como desfavorável, quer tal se entenda como traumático (Freud), ameaçador (Klein) ou não empático (Kohut).

Constitui-se assim a neurose de transferência, neurose «fresca», correspondente na situação psicanalítica da neurose-doença do paciente e que irá permitir a compreensão possível da génese da neurose infantil.

A neurose-doença projecta-se como a sombra de um sólido na interacção relacional da situação terapêutica, adquirindo assim um significado novo que permite construir uma hipótese do que terá sido a neurose infantil. Estabelece-se deste modo um elo ligando coerentemente a neurose-doença à hipótese da neurose infantil. Significante e significado encontram-se finalmente estabelecidos pela mediação da neurose de transferência. É este nexos que se oferece como o campo onde se poderá operar a mudança possível.

A neurose de transferência não é um «facce simile» da infância, pois que é vivida por um aparelho psíquico que embora regredido nas suas instâncias (Freud), distorcido na sua operacionalidade interactiva (relações de objecto) e idossincrácico nos mecanismos que utilizam esse funcionamento (mecanismos de defesa) se foi conformando num processo evolutivo que o modelou e transformou seja qual fôr a estrutura a que conduziu.

O aparelho mental de um adulto, possa embora utilizar transitória ou permanentemente modelos de funcionamento arcaicos, não é igual ao aparelho psíquico de uma criança e muito menos ao de um bebé. Bastaria a aquisição da linguagem verbal para que nada pudesse ser como dantes. A linguagem verbal, instrumento de comunicação privilegiado, para darmos a conhecer aos outros não só os nossos pensamentos, mas os nossos sentimentos e emoções. A palavra é o símbolo que pressupõe a mentalização da ideia e do afecto e o mais diferenciado vector de relação entre pessoas adultas, na vida em geral e na situação analítica com particular acuidade, já que nesta o gesto se consubstancia no primado da palavra, desde a mais trivial das intervenções até à mais nobre das interpretações.

Na situação analítica as necessidades básicas e instantes, os conflitos arcaicos, os modos de funcionamento regressivos ganham corpo, são reactualizados e reactualizados, oferecendo-se assim à possibilidade de intervenção, predominantemente através do verbal, aquisição diferenciada da pessoa.

Por tudo isto encaro a neurose de transferência como um reflexo, uma espécie de modelo laboratorial do que foi a neurose infantil. Talvez também por isto seja dispicienda a tarefa de especular acerca de em que medida o que se «julga» que aconteceu se afastará do que «realmente» aconteceu.

Toda a possibilidade de mudança reside na intervenção sobre o «modelo» que viabilizado pela palavra, afinal, põe em equação dinâmica o binómio transferência-contratransferência. É o efluente verbal que operará as condições capazes de atribuir um significado ao significante remoto, ou talvez mesmo como pessoalmente penso que pode chegar a acontecer, constituindo-se simultaneamente como novo significado e novo significante, ainda e agora correspondentes mas não iguais.

Gostaria que o que acabo de expor fosse mais um argumento a favor da opinião defendida por Eduardo Luís Cortesão no que respeita à neurose de transferência na situação grupalanalítica. E cito: «... o conceito de neurose de transferência — porquanto originado num enquadramento diferente — existe, é significativo e natural, nesta nova situação terapêutica... É diferente na forma e na estrutura, mas pouco diverge no conteúdo e na função. É diferente, mas não é contraditório».(citei)

Do meu ponto de vista o que muda na neurose de transferência, cotejando a situação psicanalítica com a situação grupalanalítica, são sobretudo particularidades do modelo decorrentes do contexto específico em que se organiza, mantendo-se preservados os seus fundamentos e as suas linhas de força, enfim a sua infra-estrutura.

Procurarei a seguir, porque de grupalálise se trata, fazer ressaltar algumas destas especificidades que não coartam antes, pelo contrário, me parecem dilatar a capacidade operacional da intervenção analítica.

Cada um de nós traz dentro de si as representações psicológicas das figuras significativas do passado, mas não as representações, digamos, em estado bruto, pelo contrário as representações elaboradas a partir das vicissitudes e tramas relacionais, investidas com afectos variados e muitas vezes conflituais e trabalhadas pelos expedientes a que o Ego vai recorrendo para de algum modo — mais adaptativa ou mais disruptivamente — ir lidando com essa conflitualidade, ultrapassando-a ou iludindo-a (o que a não acontecer, conduziria provavelmente a uma paregem brutal do desenvolvimento).

É esta complexa rede de representações de relações de objecto, imbrincando-se preme de catexes e compondo para cada indivíduo um desenho «sui generis» que configura, suponho, aquilo a que Rita M. Leal chama a «matriz inter-pessoal interna» ou a «matriz pessoal de grupo» naturalmente conotada no que respeita a sua genese com o grupo familiar nuclear.

Toda a criatura humana se foi formando e desenvolvendo a partir das potencialidades inatas numa interacção com o ambiente. Todo o «self» se estrutura na relação com outros. Todo o aparelho mental, e o seu funcionamento, tal como é apreendido pelo próprio e percebido pelos outros, traz a marca do passado, entendido este como um devir em constante dinamismo, embora fases cruciais do percurso tenham tido importância extrema, em comparação com outras mais triviais e por isso menos significativas, e entre aquelas, superlativamente, as que se reportam à matriz familiar de origem nos primeiros anos de vida.

Em qualquer grupo humano actual constituído com o propósito de levar por diante uma tarefa ou objectivo em que todos os seus membros se comprometam — e naturalmente que também, por maioria de razões, na situação grupalanalítica — uma vez esclarecido o móbil do grupo e as regras básicas de funcionamento, definido o modelo de intervenção e os vectores actuantes que lhe viabilizarão a implementação, estabelecem-se gradualmente inter membros canais de comunicação e transacções relacionais carregadas de significado afectivo em parte consciencializado e lenta, mas inexoravelmente vai-se entretecendo uma rede inter e trans pessoal, intrincada em complexidades crescentes, fazendo, desfazendo e refazendo nós e inventando percursos ao sabor de leis em parte confusas para os seus agentes, mas em que a meta longínqua para que todos tendem é o terminar da tarefa um dia iniciada.

A esta trama relacional desenhada no aqui e agora em função dos atributos idiossincráticos das pessoas postas em conjunto — para cada grupo existirá um traçado

singular do labirinto — sobrepor-se-á o que cada um traz previamente dentro de si adquirido na experiência vivida com outros grupos, noutras situações no passado.

O resultado será uma rede de interações, instável e movediça nas fases iniciais do trabalho de grupo, mas que tenderá, organizando-se com o evoluir do processo, a fixar-se como se fora a estrutura de um cristal, património comum de todo o grupo, marcado embora pela feição indelével e original de cada membro.

Num grupo de grupanalise por maioria de razões, como já dissemos, aqueles fenómenos extremam-se, adquirindo intensidade e significados exacerbados e únicos.

E passo a falar reportando-me à minha experiência e procedimento pessoais. O móbil do trabalho do grupo está definido à partida e sem equívocos no contrato terapêutico que cada um dos membros estabelece com o grupanalista nas entrevistas prévias individuais e que explícita ou implicitamente reitera quando da sua entrada no grupo: alívio do sofrimento ou perturbação que o próprio reconhece afligi-lo e limitá-lo, através de um processo terapêutico por via psicológica em situação de grupo, e assunção genuína da vontade de mudança. Também nas entrevistas prévias o contrato terapêutico implica igualmente o compromisso claro da aceitação por parte do analisando das regras básicas que preservarão a «assépsia» do processo grupanalítico: sigilo escrupuloso no que respeita a tudo o que se passar nas sessões, interdição do contacto entre membros e destes com o grupanalista fora das sessões, primado da comunicação verbal oral, desejável tão espontânea quanto possível, renúncia à obtenção de ganhos secundários oriundos quer do grupanalista quer dos outros membros.

O grupanalista velará pela inviolabilidade das regras, fornecerá o espaço onde o processo se irá desenrolar, marcará o início e o fim das sessões, veiculará como modelo de intervenção o corpo da teoria psicanalítica a uma situação e contexto de grupo, e caber-lhe-á, por excelência, a função interpretativa, abstendo-se, por regra, conforme enfatiza Cortesão de intervenções costumárias, coloquiais ou corriqueiras.

A assépsia do processo e a preservação da atitude analítica mantidas sem desfalecimentos, nem concessões sedutoras, mas deletérias, são dois poderosos ingredientes indutores do processo de regressão a que cada um dos grupanalizados vai sendo sujeito, no sentido de retorno a formas anteriores do desenvolvimento do pensamento, das relações de objecto e da estruturação do comportamento.

Na situação grupanalítica — que implica um modelo de relação grupal — suponho que deveremos com mais propriedade dizer, ao aludir-se a um dos sentidos do conceito de regressão, retorno a um complexo de relações de objecto indiciador da interação do sujeito com a constelação de figuras importantes do passado, sobretudo as do grupo familiar de origem, quer dizer, a «matriz inter-pessoal interna» que, oculta, impregna o «self» de cada um e que mercê da regressão emerge com força inusitada nas permutas relacionais actuais, modificada embora pelo processo maturativo do aparelho mental que dela se apossou nos primórdios do desenvolvimento.

Embora em regressão o «Ego» e o «Self», pelo menos nas estruturas neuróticas, conservam uma porção intacta — constituindo o que Karl König designou por «Split terapêutico» — que continua a ser capaz predominantemente de gerir o «princípio da realidade» e estabelecer estratégias relacionais no grupo de análise de acordo com interesses, afinidades e escolhas em parte conscientes e pragmáticas, formando-se assim uma nova rede relacional compósita. Também nesta tessitura, carregada de energia emocional e afectiva, cada membro do grupo é simultaneamente participante e participado.

Em meu entender é do imbricamento desse novo xadrez — que convencionarei chamar de rede pragmática actual do grupo — com o conjunto das matrizes inter-relacionais internas activadas pela regressão que resultará, estabelizando-se em determinada fase do processo grupanalítico, a matriz de um grupo de grupanalise. Matriz grupanalítica na qual pulsa a neurose de transferência, parafraseando a bela metáfora de Cortesão.

Neurose de transferência que o grupanalista terá de reconhecer e dissecar no que respeita a cada analisando, isolando-a dos outros planos em que está embrenhada e utilizando-a na articulação com a contra-transferência como o motor privilegiado que permitirá a delicada remoção da resistência que ela representa, viabilizando o caminho da cura.

Isto conduz-me directamente à questão do papel desempenhado pelo grupanalista no processo transferencial e, a propósito, queria desde já deixar claro — supondo que aqueles que como eu, em Portugal, aderem, no que respeita à teoria da técnica, aos conceitos e procedimentos elaborados por Eduardo Luis Cortesão, me acompanham — repito, queria deixar claro que quando menciono a neurose de transferência, pretendo significar o complexo dos movimentos, posições e atitudes transferenciais de cada membro do grupo de «per si», processo individual, único na sua singularidade e portanto irreproduzível por um outro analisando na especificidade dos seus cambiantes e do seu trajecto, pese embora o denominador comum da regressão num contexto grupal. As expressões neurose de transferência grupal ou neurose de transferência em grupanalise justificar-se-ão como referência ao contexto em que emergem e evoluem.

Conforme diz Cortesão e cito: «O grupo é uma estrutura, um molde, uma matriz, um forum para a comunicação específica. Não é uma entidade psíquica, nem um aparelho mental». E acrescenta: «É por isso que, uma vez mais, devo insistir em que algumas expressões correntes como transferência grupal... devem servir unicamente o propósito de indicar o modo e a situação... e também a qualidade específica inerente à situação». (citei).

Propuz-me há pouco abordar a questão do papel desempenhado pelo grupanalista no processo transferencial:

É ele quem congrega o grupo, quem fornece o espaço, delimita o tempo e propõe o «modus faciendi». É também ele quem escolhe os analisandos, seleccionando-os, e ele próprio também é escolhido quando os candidatos o procuram.

Ninguém pode escolher os pais que o geraram e com quem em princípio irá viver as etapas determinantes do seu desenvolvimento global. Menciono este aspecto por me parecer que a possibilidade, em certa medida, de escolha do analista o investe à partida, mesmo antes do início da análise, com conotações peculiares e o sujeita desde logo, em maior ou menor escala, a ser distorcido pelo mecanismo da idealização. Isto, que a ser válido, o será quer para o contexto grupal quer para o dual, complementa-se no que respeita à grupanalise com uma singularidade: o analisando não escolhe os outros membros do grupo tal como na sua vida pregressa não escolheu não só os pais como os irmãos, avós, tios ou outras figuras relevantes na composição da família de origem.

Suponho proporcionar o grupo de análise, um molde particularmente adequado à absorção das catexes vinculadas à «matriz inter-relacional interna» de cada um, propiciando que relações de objecto internalizadas e conotadas com as diversas figuras significativas do passado sejam distribuídas, num processo dinamicamente mutável, por cada um dos outros membros do grupo, situação diferente do modelo concentracionário

oferecido pela situação analítica dual, tornando, quiçá, a leitura mais clara, se bem que se ofereçam vários livros em simultâneo.

É provável que a idealização do grupanalista, variável sem dúvida segundo a estrutura do self e o percurso da linha de desenvolvimento do narcisismo de cada analisando — e estou neste momento a referir-me à formulação de H. Kohut — mas estimulante pela expectativa de se ser empaticamente compreendido pelo analista que se elegeu, preserve, nas fases iniciais, o «self-objecto» analista de ser sentido como frustrante pela pessoa recém-entrada no grupo e simultaneamente lhe facilite a apropriação precoce do padrão grupanalítico, aliás já implementado e impregnando a matriz grupanalítica que rapidamente tende a integrar o novo membro (refiro-me, como é óbvio, a um grupo já «rodado»).

Talvez aquele facto contribua para explicar a facilidade e a celeridade com que o «código» específico da comunicação grupanalítica apreendido pelo recém-chegado: para se comunicar é necessária a utilização de uma linguagem comum. O padrão grupanalítico integra a linguagem comum, embora não se esgote nela.

Ao referir-me a padrão na fenomenologia grupanalítica, utilizo a conceptualização original de Eduardo Luis Cortesão que o definiu como passo a citar: «O padrão grupanalítico consiste na natureza de atitudes específicas que o grupanalista transmite e sustém na matriz grupanalítica, com uma função interpretativa, que fomenta e desenvolve o processo grupanalítico.

A elaboração terapêutica daqui resultante favorece o propósito de induzir a significação e diferenciação do self individual.» (citei)

O desenvolver do processo grupanalítico dependerá em larga medida, do modo como o grupanalista veicular para a matriz o padrão de que esta se apropria, e refiro-me explicitamente ao padrão e não ao estilo, este último variando em função das peculiaridades de cada analista no que respeita às suas características pessoais de modo de ser e de estar com os outros. O que quero claramente dizer é que, do meu ponto de vista, a não observância de rigor consensual na configuração do padrão, conduzirá e conduz a flutuações no «modus operandi» de analista para analista com impacto no evoluir do processo grupanalítico, levando a resultados diferentes, nomeadamente no que concerne à resolução da neurose de transferência. Defendo que o padrão é transmitido, inclusive, pelo modo como o grupanalista interpreta e o que pretendo significar é que não é de modo nenhum indiferente que se interprete predominantemente o grupo como um todo ou um único membro de cada vez referenciando-o no contexto da matriz grupal.

Existirá assim um padrão que reforça a individualidade, distinguindo a relação dual grupanalista — analisando no seio do grupo e que será mais conforme à molduragem teórica psicanalítica, e um padrão dito mais grupal, enfatizando a relação grupanalista — grupo como um todo que não estou bem a ver como resolverá a neurose de transferência, ainda que ela se instale, e que provavelmente tenderá a operar a um nível psicoterapêutico que não a um nível analítico. Nem sequer será despiciendo que se faça uma interpretação para o grupo como um todo ou uma interpretação para todo o grupo, nomeando cada um dos membros de «per si». No primeiro caso, far-se-á apelo à capacidade de cooperação no grupo no sentido da formulação de Bion (necessidade da conjugação de esforços e do empenhamento comum para que se atinja a meta). No segundo caso preservar-se-á explicitamente, ainda assim, a individualidade de cada membro. Cabe ao grupanalista dosear ambas as atitudes.

Naturalmente que o contexto grupal, «forum» em que vai evoluir o processo grupanalítico, implica que a neurose de transferência de cada membro germine, se

fomente e resolva no pano de fundo oferecido pela matriz. Residem aqui a especificidade e, tenho razões para o crer, as fecundas potencialidades do método o que exige procedimentos técnicos particulares assentes em constructos teóricos pertinentes para a situação.

Para que não se gerem ambiguidades em relação ao que pretendi dizer, quero deixar claro que não declarei proscritas as interpretações para o grupo como um todo, o que entendo é que serão legitimadas em função das necessidades individuais, contemplando, por exemplo, a dimensão de ambiente sustinente (cf. Winnicott), a função contentora (cf. Bion) ou isolando um membro e referenciando-o triangularmente ao grupalista e ao resto do grupo como entidade holística.

Prosseguindo com o que estamos a tentar esclarecer, o grupo será o meio, a análise de cada membro será a meta, tal como a família nuclear e todos os conjuntos inter e trans-pessoais em que o indivíduo se vai inserindo ao longo da vida são o ambiente, e a estruturação da identidade e a assunção da autonomia a conquista desejada.

Como gerir o pulsar de neuroses de transferências várias, sem que se atropelem, distorçam ou confundam, confundindo o grupalista? Como lidar em simultâneo com níveis de regressão, as mais das vezes, diferentes tanto no que se refere às modalidades de relação de objecto, à fase dos investimentos libidinais, às instâncias do aparelho psíquico?

O conceito de ressonância, criado por Foulkes na sua conceptualização da fenomenologia da situação grupal, explica-nos, e citamos, como «cada membro do grupo mostrará uma tendência distinta para reverberar a qualquer acontecimento no grupo de acordo com o nível em que se encontra a funcionar» (citei).

Ora o conceito de «après-coup» («posterioridade» em português) o «Nachträglichkeit» de Freud, sugere-nos numa perspectiva desenvolvimentista que o significado de um acontecimento vivido numa determinada fase de maturação do aparelho mental, pelo menos no que respeita à sua porção traumática, será re-elaborado nas fases posteriores, acrescentando-se-lhe significações novas coerentes com a fase de maturação coeva, quando ocorra um acontecimento que de algum modo evoque o anterior. Significações novas conferidas pela maior maturidade ou «locus minor resistentiae» pré-determinado pelo evento primevo num aparelho mental incipiente, é como me faz sentido pôr a questão? Seja como fôr, tudo se passaria como se o self experienciasse os traumatismos ao longo do desenvolvimento, em reverberações sucessivas que acrescentariam complexidades crescentes à disrupção etio-patogénica num sentido eminentemente psico-dinâmico.

Seguindo esta linha de pensamento e simplificando, a interpretação dirigida efectivamente a um membro do grupo reverberará em todos os outros de modo diferente conforme os níveis de regressão e fixação em que cada um se encontra no momento.

O «timing» para a interpretação verdadeiramente operante varia de membro para membro e cabe ao grupalista discerni-lo, mas as interpretações feitas a outros, preparam em cada um as condições que conduzirão ao eclodir do momento individual. Dito de modo diferente, penso que as interpretações dirigidas aos outros membros, ajudarão a fomentar o «insight» racional de cada um, a vencer as resistências do Ego, mas que só as interpretações do próprio, na transferência e no «timing» exacto, promoverão a aquisição do «insight» emocional, a remoção das resistências do Id através da perlaboração.

Surge-me como pertinente abordar, ainda que de modo sucinto, uma outra especificidade do contexto grupal que se relaciona com o manejo grupal da neurose de transferência:

K. König no seu trabalho «Transference in Groups — Internal Phantasy and External Reality» chama a atenção para a importância de se distinguir o que ele define como a «parte inter-activa da transferência» ou seja quando o analisando consegue inconscientemente levar o analista a actuar para com ele como a mãe agiu no passado manipulando-o de acordo com a compulsão para a repetição, seja porque a repetição de paradigmas relacionais internalizados mesmo que penosos e frustrantes releva da segurança que o já conhecido, apesar de tudo, proporciona conforme admitiu Sandler, seja por necessidades que contemplem o «desejo de familiaridade» conforme pensa König, ou quem sabe, pelo desejo onipotente e sempre gorado de finalmente se dominar a relação com o objecto insatisfatório, mas necessário. König distinguiu e isolou esta proposição de «parte inter-activa da transferência» daquilo a que Ogden chamou a «parte inter-activa da identificação projectiva» por lhe parecer uma extensão abusiva deste conceito (mecanismo de defesa que permite transformar um conflito intra-psíquico entre partes do self ou entre partes do self e objectos internos num conflito inter-pessoal).

O contexto e o espaço grupal, melhor dito, a matriz grupal oferece uma situação privilegiada para a destrição destes fenómenos por parte do grupalista. Como fez notar Jean-Claude Rouchy no seu trabalho «Processus archaïques et transfert en group-analyse» e passo a citar: «Em grupalise o processo (refere-se à identificação projectiva)... é tanto mais evidente quando é orientado para um outro membro do grupo» (citei).

A multiplicidade de figuras relacionais disponíveis na matriz grupal torna mais clara a detecção e descodificação da identificação projectiva, quando ela ocorre, tornando-se aparente que um membro do grupo consegue manipular outros membros, induzindo através da interacção pessoal que elaborem de determinada maneira aquilo que neles previamente projectou de modo a que a resposta devolvida e re-interiorizada pelo sujeito confirme o conflito, simultaneamente aliviando-o. Aliviando-o através da externalização, confirmando-o através da resposta induzida e «in ultima ratio» reforçando a defesa. Naturalmente que este fenómeno, se ocorre com frequência em pacientes com estruturas psicóticas e «border-line» que utilizam prodigamente a identificação projectiva, eclode também com exuberância, talvez surpreendente em estruturas neuróticas, quando em regressão acentuada, como é patente no decurso da grupalise.

Há cerca de um ano num seminário sobre teoria da técnica grupal E. L. Cortesão isolou de modo notável os diversos movimentos da identificação projectiva (e passo a citar):

- 1 — O sujeito projecta experiências intra-psíquicas intoleráveis no objecto.
- 2 — Mantém empatia com essas experiências projectadas (o que as torna inacessíveis à argumentação lógica e as situa, entendo eu, cerca da convicção delirante).
- 3 — Esforça-se por controlar o objecto.
- 4 — Inconscientemente em interacção constante com o objecto faz com que este tenha experiência daquilo que nele foi projectado.

Em grupalise estes aspectos ganham acuidade e relevância acrescidas, na medida em que todos, grupalista e analisandos se encontram face a face, oferecendo-se à observação recíproca, dispostos em redor da mesa central, espécie de centro mítico do

espaço grupal, «onfalos» simbólico ligado ao desejo de renascimento que a opção de se fazer análise implicitamente encerra. Daqui que para além da comunicação verbal (expoente da comunicação diferenciada e, conforme já atrás referi, mais directamente ligada nos processos superiores de mentalização) compreendendo os atributos de timbre, inflexões, modelações da voz; repito: daqui que para além desta, toda a versatilidade da expressão fisionómica, a própria postura corporal e até os fenómenos vegetativos como o rubor, a transpiração, o odor corporal, se constituam como vectores de comunicação e veículos de mensagens. É uma comunicação global, aberta, transparente, não se compadecendo com propósitos de impenetrabilidade ou de hermetismo, atingindo todos os participantes e naturalmente que o próprio grupanalista.

Enfatizo aquele aspecto porque me parece que a exuberância da comunicação proporcionada pela situação grupanalítica favorece a erupção da identificação projectiva, facilitando ao mesmo tempo a nitidez da sua leitura quando ela aparece. Penso que o grupanalista estará numa posição privilegiada para a apreender e detectar num qualquer membro do grupo em interacção com outro ou outros, e para intervir a propósito quando eventualmente o ache oportuno, tendo bem presente que a identificação projectiva está imbuída de convicção quase delirante. Sobretudo o grupanalista estará, a partir daí, particularmente apetrechado com uma espécie de premonição expectante para o inevitável surgir, mais tarde ou mais cedo, de fenómenos semelhantes na relação transferencial do analisando com ele próprio.

Deverá o grupanalista manter-se extremamente atento — e defendo que todo o esforço nesse sentido nunca será demais — para na sua comunicação verbal e sobretudo na não verbal evitar deixar-se cair na armadilha da manipulação que os analisandos inconscientemente vão tecendo através da «parte interactiva da identificação projectiva» (para usar a formulação de Ogden). Ficará assim, mais lucidamente apetrechado para discernir em que medida poderá, complacente ou até cúmplice, estar na contra-transferência a favorecer a «parte interactiva da transferência» (conforme o conceito de König). Tal lucidez que me parece derivar, em larga medida, dum rigoroso escrutínio contra-transferencial, possibilitará então ao grupanalista, no «timing» adequado, interpretar na e a transferência, na tentativa de tornar consciente ao analisando a compulsão para a repetição e eventualmente viabilizar-lhe mais um passo no longo e árduo percurso da resolução da neurose de transferência.

Será talvez o momento de questionar o que se deve entender por transferências laterais, quero dizer, as modalidades de relação de objecto, os mecanismos de defesa utilizados pelo Ego, os investimentos pulsionais, quando tais fenómenos ocorrem regressivamente na interacção de um membro do grupo com outro ou outros, que não o grupanalista, ou mesmo na interacção com o grupo como um todo. O denominador comum seria o não contemplarem explicitamente o grupanalista, pelo menos enquanto entidade específica e única, mas os outros objectos oferecidos pela situação grupanalítica.

Perfilho a opinião, evidentemente discutível, de que muitos dos fenómenos, comumente designados como tal estão directamente conotados, aí se esgotando, com os movimentos integrantes da identificação projectiva propiciados pelo contexto grupal.

Tendo em consideração que a «matriz inter-pessoal interna» de cada membro e componente integrante da matriz grupanalítica onde se entretete carregada com a energia que a regressão desperta, aceitar-se-á que cada membro do grupo terá para cada um dos outros, o mesmo se passando com o conjunto da situação, uma conotação que o vincula, deformando-o, às figuras significativas do passado. Neste sentido todo o membro do

grupo terá para qualquer outro uma dimensão transferencial. Esta dimensão comunga dos requisitos que integram a acepção de transferência em sentido lato, não ultrapassando embora aqui os limites do campo analítico e cito (Vocabulário da Psicanálise de Laplanche e Pontalis): «processo pelo qual os desejos inconscientes se actualizam sobre determinados objectos no quadro de um certo tipo de relação estabelecida com eles e, eminentemente, no quadro da relação analítica» (citei). Só que o quadro, em grupanalise, não se circunscreve a um contexto dual, mas abarca um espaço grupal.

Avançando-se ortodoxamente na senda da importância dos fenómenos da transferência no propósito terapêutico, chega-se necessariamente ao conceito de neurose de transferência (e cito): «Neurose artificial em que tendem a organizar-se as manifestações da transferência. Ela constitui-se em torno da relação com o analista; é uma nova edição da neurose clínica; a sua elucidação leva à descoberta da neurose infantil.» (citei mais uma vez Laplanche e Pontalis).

Tenho constatado, no processo grupanalítico, aliás como defende Eduardo Luís Cortesão, que as transferências ditas laterais só em função, ou poder-se-ia dizer «em torno da relação» com o grupanalista se organizam e adquirem o sentido estreme de material para interpretação transferencial. Isto que é transparente no que concerne às disputas fraternais entre membros do grupo centradas no pólo que o grupanalista representa, ou nos movimentos de triangulação edipiana em que aquele é o vértice constante, será porventura menos claro nas situações envolvendo explicitamente dois ou mais analisandos e sem alusão expressa ao grupanalista. Situações veiculando, em regra, intensas cargas emocionais e afectivas de cariz erótico ou agressivo.

São complexos relacionais que põe em jogo catexes estuantes, oriundas, sem dúvida, da regressão e configurando-se na neurose de transferência, mas que pelo ímpeto e intensidade pulsionais que libertam se desviam do seu alvo original, o grupanalista, deslocando-se para a periferia o que lhes atenua a conflitualidade facilitando-lhes a expressão.

Mostra-me a praxis grupanalítica que a interpretação de tais constelações explosivas só se torna em agente de mudança, quando seja viável revelá-las como deslocamentos para outros membros do grupo de modalidades de relação de objecto arcaicas ou de intensos investimentos pulsionais secreta, mas originariamente dirigidos ao grupanalista, entidade destinatária vera e última da neurose de transferência de cada um dos membros e aglutinante da complexa dinâmica transferencial de todos.

Do meu ponto de vista no processo grupanalítico, e também nesta questão, a resistência oferecida pela neurose de transferência vai-se esbatendo, diluindo e abrindo o caminho para novas elaborações, na medida em que o que está implícito se vá tornando explícito.

Cedendo à tentação da metáfora e à facilidade do pensamento analógico, apetece-me dizer que a viagem grupanalítica para chegar a bom porto requer o cometimento concertado de toda a tripulação, cada um na sua tarefa singular, cabendo ao grupanalista a função e a responsabilidade insubstituíveis, do capitão, simultaneamente timoneiro e navegador, que decifra as cartas, escolhe os rumos, aproveita os ventos e as acalmias, as correntes e contra correntes, contorna os recifes e faz aportar a nau a terra firme onde cada marinheiro, ao pisá-la pela primeira vez, se embrenhe talvez hesitante, mas, a partir de então, sabendo-se o responsável pela escolha do seu percurso existencial.

RESUMO

ALGUMAS REFLEXÕES A PROPÓSITO DA NEUROSE DE TRANSFERÊNCIA EM GRUPANÁLISE

— Importância da procura de consenso no que respeita à terminologia e à utilização dos conceitos na clareza da comunicação psicanalítica.

— A Neurose de Transferência como «modelo» que conduz à compreensão da génese da Neurose Infantil.

— A Neurose de Transferência em Grupanálise reveste para cada membro uma feição singular na especificidade dos seus cambiantes e do seu trajecto, pese embora o denominador comum da regressão no contexto da matriz do grupo.

— A partir dos conceitos de «ressonância» (Foulkes) e de «après-coup» (Freud) procura-se demonstrar como a interpretação dirigida a um membro do grupo, fomenta nos outros a receptividade a futuras interpretações.

— Importância dos fenómenos relativos à identificação projectiva no manejo da Neurose de Transferência em Grupanálise.

— Sustenta-se que as transferências, ditas, laterais se organizam em função da relação com o Grupanalista e só neste sentido adquirem legitimidade para interpretação transferencial.

RÉSUMÉ

QUELQUES RÉFLEXIONS À PROPOS DE LA NEUROSE DE TRANSFERT EN GROUPANALYSE

— Importance de la recherche de consensus en ce qui concerne la terminologie et à l'utilisation des concepts de clarté de la communication groupanalytique.

— La Neurose de Transfert comme «modèle» qui conduit à la compréhension de la génese de la Neurose Infantile.

— La Neurose de Transfert en Groupanalyse revêt pour chaque membre une forme singulière dans la spécificité de ses changements et de son parcours, malgré le dénominateur commun de la régression dans le contexte de la matrice du groupe.

— En partant des concepts de «résonance» (Foulkes) et de «après-coup» (Freud), on cherche à démontrer comment l'interprétation dirigée à un membre du groupe engendre dans les autres la réceptivité à de futures interprétations.

— L'importance des phénomènes relatifs à l'identification projective dans le manège de la Neurose de Transfert en Groupanalyse.

— On soutient que les transferts dits latéraux s'organisent en fonction de la relation avec le Groupanalyste et seulement dans ce sens ils acquièrent de la légitimité pour l'interprétation du transfert.

SUMMARY

SOME CONSIDERATIONS REGARDING TRANSFERENCE NEUROSIS IN GROUPANALYSIS

— Importance of the search for consensus in what concerns the terminology and the use of the concepts in the clearness of psychoanalytic communication.

— The Transference Neurosis as a «model» that leads to the understanding of the genesis of Child Neurosis.

— The Transference Neurosis in Groupanalysis assumes, to each of its members, a particular character in the specificity of its changes and of its ways, although it weights upon them the common denominator of regression in the context of the group's matrix.

— From the concepts of «ressounding» (Foulkes) and «après-coup» (Freud) we try to demonstrate how the interpretation headed to a member of the group makes the other members receptive to future interpretations.

— Importance of the phenomena regarding the projective identification in the handling of Transference Neurosis in Groupanalysis.

— It is considered that the so-called lateral transferences organize themselves according to the relationship with the Groupanalyst and that only in this way they gain legitimation to transference interpretation.